



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE LETRAS - FALE

FERNANDA MARIA SILVA DA COSTA

**O IMAGINÁRIO SOCIOCULTURAL EM TORNO DO TERMO MAU-OLHADO E
SUAS VARIAÇÕES LEXICAIS: UM ESTUDO NA VILA DE CURUPAITI, VISEU-PA**

BRAGANÇA-PA

2026

FERNANDA MARIA SILVA DA COSTA

**O IMAGINÁRIO SOCIOCULTURAL EM TORNO DO TERMO MAU-OLHADO E
SUAS VARIAÇÕES LEXICAIS: UM ESTUDO NA VILA DE CURUPAITI, VISEU-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Faculdade de Letras - FALE, da
Universidade Federal do Pará, como requisito
para obtenção do título de Licenciatura em
Letras - Língua Portuguesa

Orientador(a): Jair Francisco Cecim da Silva

Data de aprovação: __/__/____ Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jair Francisco Cecim da Silva
Faculdade de Letras - FALE

Prof. Me. Deyglyson Luan de Oliveira Ferreira
Faculdade de Letras - FALE

Prof. Dra. Tabita Fernandes da Silva
Faculdade de Letras - FALE

RESUMO

O presente trabalho aborda o imaginário sociocultural relacionado ao termo “mau-olhado” na vila de Curupaiti, município de Viseu-PA, considerando as diferentes formas de compreensão e denominação dessa crença entre moradores de distintas gerações. Partindo da compreensão de que a língua e a cultura estão diretamente ligadas às experiências e aos valores compartilhados por uma comunidade, a pesquisa buscou investigar os significados atribuídos ao mau-olhado, identificar suas variações lexicais e analisar o papel da oralidade na transmissão desses saberes. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, de abordagem quali-quantitativa, por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada com moradores da comunidade. A análise dos dados revelou que o mau-olhado permanece presente no imaginário local, sendo compreendido principalmente como uma influência negativa associada à inveja, embora também apareça relacionado a crenças espirituais, doenças e práticas tradicionais de proteção. Os resultados evidenciaram ainda diferenças geracionais na interpretação dessa crença, bem como a permanência de variantes lexicais como olho gordo, quebranto, quebrante, olho ruim e inveja. Além disso, constatou-se que a oralidade continua sendo fundamental para a preservação e circulação desses conhecimentos, contribuindo para a manutenção da memória coletiva e da identidade cultural da comunidade. Dessa forma, o estudo demonstra que as variações lexicais associadas ao mau-olhado refletem não apenas fenômenos linguísticos, mas também aspectos históricos, culturais e sociais que constituem o patrimônio imaterial da vila de Curupaiti.

Palavras-chaves: Mau-olhado, Imaginário sociocultural, variação lexical.

ABSTRACT

This study addresses the sociocultural imagination surrounding the term “evil eye” in the village of Curupaiti, located in the municipality of Viseu, Pará, Brazil, considering the different ways this belief is understood and named by residents from different generations. Based on the assumption that language and culture are closely linked to the experiences and values shared within a community, the research aimed to investigate the meanings attributed to the evil eye, identify its lexical variations, and analyze the role of orality in the transmission of this knowledge. To achieve these objectives, a qualitative-quantitative approach was adopted through bibliographic research and fieldwork, using semi-structured interviews applied to community residents. The findings revealed that the belief in the evil eye remains present in the local sociocultural imagination, although it is interpreted differently across generations. Older participants tend to associate it with spiritual influences, illnesses, and traditional protective practices, whereas younger participants relate it mainly to envy and negative feelings. The study also identified lexical variants such as *olho gordo*, *quebranto*, *quebrante*, *olho ruim*, and *inveja*, demonstrating the linguistic and cultural richness of the community. Furthermore, the results highlight the importance of orality in preserving and transmitting this knowledge, contributing to the maintenance of collective memory and cultural identity. It is concluded that the lexical variations associated with the evil eye reflect not only linguistic phenomena but also historical, cultural, and social aspects that constitute the intangible cultural heritage of the village of Curupaiti.

Key words: Evil eye; Sociocultural imaginary; Lexical variation; orality.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário sociocultural constitui-se como um conjunto de crenças, valores, símbolos e representações compartilhadas por um grupo social, transmitidos ao longo do tempo por meio da oralidade e das práticas culturais. Nesse contexto, o termo “mau-olhado” destaca-se como uma expressão recorrente no repertório linguístico popular, especialmente em certas comunidades, carregando significados que ultrapassam o campo lexical e adentram dimensões simbólicas, religiosas e culturais. Associado a crenças de inveja, energias negativas, causando azar ou doença, o mau-olhado revela-se como um importante elemento do patrimônio imaterial e da memória coletiva. (LIMA JUNIOR, 2010).

Além de estar presente em diferentes regiões do Brasil, a crença no mau-olhado também pode ser encontrada em diversas culturas ao redor do mundo, assumindo diferentes nomes e formas de manifestação. Apesar dessas diferenças, a ideia central permanece semelhante: a crença de que determinadas pessoas, por inveja ou por intenções negativas, podem causar prejuízos físicos, emocionais ou materiais a outras pessoas por meio do olhar. Essa permanência histórica demonstra que o mau-olhado ultrapassa o campo da superstição, constituindo-se como uma representação simbólica que auxilia grupos sociais a interpretar acontecimentos do cotidiano e a explicar situações consideradas inesperadas ou difíceis de compreender.

Nesse contexto torna-se relevante observar que as crenças populares não pertencem inalteradas ao longo do tempo. Elas são constantemente reinterpretadas pelos indivíduos de acordo com suas experiências, valores e formas de compreender o mundo.

Assim o imaginário sociocultural relacionado ao termo mau-olhado pode apresentar permanências e transformações entre diferentes gerações, revelando aspectos importantes da cultura local e dos processos de mudança social. Ao investigar essas transformações é possível compreender não apenas os significados do termo, mas também as relações estabelecidas entre língua, cultura, memória e identidade.

A escolha da vila de Curupaiti justifica-se pela presença significativa de narrativas e crenças relacionadas ao mau-olhado no cotidiano local. Além disso, trata-se de uma comunidade que preserva importantes elementos de sua cultura, permitindo observar de forma mais detalhada os processos de transmissão e ressignificação dos saberes populares entre diferentes gerações. Observa-se que o uso e a compreensão do termo “mau-olhado” variam conforme a geração, mudanças nas formas de transmissão do conhecimento popular e influências de novos discursos sociais. Enquanto gerações mais antigas tendem a preservar significados tradicionais, vinculados à religiosidade e às práticas de proteção simbólica, as

gerações mais jovens, por sua vez, podem dar um novo sentido, ou até minimizar tais crenças, atribuindo ao termo sentidos metafóricos ou meramente discursivos. Assim, o estudo das variações geracionais permite compreender como a língua acompanha as mudanças sociais e como o imaginário coletivo se adapta ao tempo. Ademais, o estudo propõe-se a dar visibilidade a uma comunidade pouco explorada no âmbito acadêmico, valorizando sua cultura, seus saberes populares e suas formas próprias de construção do imaginário sociocultural, contribuindo, assim, para a preservação e compreensão de seu patrimônio linguístico e cultural.

A motivação para a realização deste estudo amadureceu durante as discussões na disciplina de Seminário e Elaboração de TCC, sob a orientação e o diálogo com o corpo docente, momento em que se tornou claro o potencial científico de investigar o imaginário sociocultural local. Para além do interesse acadêmico, esta pesquisa assume um caráter pessoal e social, visto que a Vila de Curupaiti é a comunidade onde cresci. Assim, o trabalho busca dar visibilidade às vozes locais, valorizando e enriquecendo a cultura simbólica da região, ao mesmo tempo em que cumpre o papel de retornar o conhecimento acadêmico para o lugar de minha própria origem.

A escolha dessa temática também está relacionada à importância de registrar conhecimentos que circulam principalmente por meio da oralidade. Em muitas comunidades os saberes populares são transmitidos entre familiares e moradores mais antigos, constituindo uma forma de preservação da memória coletiva. Entretanto, com as mudanças sociais contemporâneas, parte desses conhecimentos corre o risco de perder espaço entre as novas gerações. Dessa forma, pesquisas que abordam manifestações culturais locais contribuem para documentar práticas e crenças que fazem parte da identidade de uma comunidade.

Diante do exposto, emerge a seguinte problematização: de que maneira o imaginário social associado ao termo “mau-olhado” se manifesta e se transforma entre moradores da vila de Curupaiti, e quais fatores socioculturais influenciam essas variações de significado e uso?

A realização deste trabalho justifica-se pela necessidade de compreender como o imaginário sociocultural em torno do termo “mau-olhado” se constrói, se mantém e se transforma ao longo do tempo, especialmente por meio de suas variações lexicais. Em comunidades, como a vila de Curupaiti, esse termo não se limita a uma simples crença popular, mas integra um conjunto de saberes, práticas culturais e formas de interpretação da realidade que atravessam diferentes gerações.

A escolha da vila de Curupaiti como lugar da pesquisa fundamenta-se na permanência e circulação do termo mau-olhado no discurso cotidiano de seus moradores, especialmente no

que se refere às narrativas transmitidas entre gerações. Ao realizar uma análise comparativa entre diferentes faixas etárias, o estudo possibilita identificar continuidades e rompimentos nas crenças e nos significados atribuídos ao termo, evidenciando como fatores históricos, sociais e culturais influenciam a construção do imaginário social. Dessa forma, o estudo pretende não apenas registrar uma prática cultural, mas também promover a valorização da identidade local e o reconhecimento da pluralidade de saberes que constituem a sociedade.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para as áreas da Sociolinguística e dos estudos do imaginário social, ao analisar como as variações lexicais associadas ao “mau-olhado” expressam mudanças e permanências culturais. A pesquisa amplia a compreensão sobre a língua como um fenômeno vivo, influenciado pelo contexto histórico, social e geracional, além de valorizar manifestações do patrimônio imaterial.

No âmbito prático, o trabalho pode colaborar para o reconhecimento e a valorização da memória coletiva da vila de Curupaiti, registrando saberes populares que, muitas vezes, não se encontram documentados. Ademais, os resultados podem servir de subsídio para práticas pedagógicas no ensino de Língua Portuguesa, especialmente em contextos que valorizam a cultura local e a diversidade linguística, contribuindo para uma educação mais significativa e contextualizada.

Dessa forma, investigar o imaginário social em torno do termo “mau-olhado” torna-se relevante não apenas para a análise linguística, mas também para a compreensão das identidades culturais e das relações entre língua, cultura e sociedade.

3 OBJETIVOS

3.1 - Geral

- Investigar os aspectos culturais, simbólicos e linguísticos em torno do termo “mau-olhado” na vila de Curupaiti, Viseu-PA

3.2 - Específico

- Registrar os significados atribuídos ao termo “mau-olhado” por diferentes gerações da vila de Curupaiti.
- Comparar como gerações distintas compreendem e utilizam a expressão “mau-olhado”.
- Analisar como fatores socioculturais e históricos influenciam o imaginário social relacionado a expressão “mau-olhado” na comunidade.

4 REVISÃO TEÓRICA

O conceito de imaginário social refere-se ao conjunto de significações, símbolos, crenças e representações construídas coletivamente por uma sociedade ao longo do tempo. Segundo Castoriadis (1982), o imaginário sociocultural é responsável por orientar as práticas sociais e a maneira como os indivíduos compreendem e interpretam a realidade. Nesse sentido, crenças populares como o “mau-olhado” integram esse imaginário, pois expressam formas simbólicas de explicar acontecimentos do cotidiano, como doenças, infortúnios ou mudanças inesperadas. Ao discutir o imaginário sociocultural, Castoriadis (1982) destaca que as sociedades produzem sentidos que orientam a vida coletiva e influenciam as formas de pensar e agir dos indivíduos. Esses sentidos são compartilhados socialmente e passam a ser reconhecidos como elementos legítimos da realidade. Assim, crenças como o mau-olhado não devem ser compreendidas apenas como explicações individuais, mas como construções coletivas que refletem valores, experiências e visões de mundo presentes em determinado grupo social. Essa “instituição” da realidade pelo imaginário não é estática; ela exige que a comunidade valide constantemente esses símbolos para que eles continuem exercendo autoridade sobre o comportamento individual e coletivo.

As crenças populares estão diretamente relacionadas à cultura e à memória coletiva de uma comunidade. Para Cascudo (2012), essas crenças constituem um patrimônio cultural imaterial, transmitido principalmente por meio da oralidade, mantendo vivas tradições, valores e modos de pensar. A cultura popular desempenha papel fundamental na preservação dessas crenças, uma vez que constitui um espaço de transmissão de conhecimentos entre gerações. Muitas dessas práticas permanecem vivas por meio de narrativas familiares, histórias contadas pelos mais velhos e experiências compartilhadas no cotidiano. Nesse sentido, a oralidade funciona como um importante instrumento de manutenção da memória coletiva, permitindo que determinados saberes continuem presentes mesmo diante das transformações sociais e tecnológicas. O “mau-olhado”, presente em diversas culturas, manifesta-se como uma explicação simbólica para eventos negativos atribuídos à inveja ou ao olhar carregado de más intenções, sendo reinterpretado conforme o contexto histórico e social. Dessa forma, a oralidade não funciona apenas como um meio de transporte para a informação, mas como um rito de preservação: ao narrar um episódio de “olhado”, o falante reafirma os limites éticos e espirituais do seu grupo.

Corroborando essa perspectiva, Lima Júnior (2010), em seu estudo sobre a crença do “olho do mal” em Imperatriz (MA), demonstra como a oralidade e o imaginário social local são fundamentais para a manutenção e reinterpretação dessa crença em um contexto urbano brasileiro específico. O autor observa que a mística do olhar atua como uma forma de “fascinação”, um poder simbólico que atravessa o tempo e se adapta às novas configurações sociais, mantendo sua eficácia mesmo diante da modernidade.

No campo da linguagem, a Sociolinguística contribui para a compreensão das variações lexicais associadas ao termo “mau-olhado”. Labov (2008) afirma que a língua está em constante transformação e sofre influência de fatores sociais como idade, grupo social e contexto cultural. A Sociolinguística compreende que a variação é uma característica natural das línguas e está relacionada aos diferentes contextos em que os falantes estão inseridos. Aspectos como faixa etária, escolaridade, gênero e localidade podem influenciar a escolha de determinadas palavras ou expressões. Dessa maneira, investigar as variações lexicais associadas ao termo “mau-olhado” permite compreender como os falantes constroem sentidos distintos para uma mesma crença e como esses sentidos refletem aspectos da realidade sociocultural da comunidade. Dessa forma, expressões como “olho gordo”, “quebranto” ou outras variações regionais revelam não apenas diferenças linguísticas, mas também distintas formas de perceber e interpretar o fenômeno dentro de uma mesma comunidade. Sob a ótica laboviana, a variação geracional é um indicador de mudança linguística em curso; assim, o uso de termos distintos por jovens e idosos em Curupaiti pode sinalizar não apenas uma mudança no vocabulário, mas uma transformação na própria intensidade da crença. A variação lexical corresponde às diferentes formas de nomear um mesmo referente, refletindo aspectos históricos, culturais e sociais dos grupos de falantes. Para a Sociolinguística, essas diferenças não ocorrem de maneira aleatória, mas são influenciadas por fatores internos à língua e por elementos sociais, como idade, contexto cultural e experiências compartilhadas. Nesse sentido, Mollica (2015, p. 27) afirma que “a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade”, destacando que, embora a língua apresente diversidade, essa heterogeneidade é “regular, sistemática e previsível”, sendo condicionada por variáveis estruturais e sociais. A autora ressalta ainda que “as variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes” (MOLLICA, 2015, p. 27). Assim, as diferentes denominações atribuídas ao termo mau-olhado

na Vila de Curupaiti evidenciam que a escolha lexical dos falantes está relacionada às características socioculturais da comunidade e às transformações ocorridas entre as diferentes gerações.

Para além da constatação da persistência da crença, Lima Júnior (2010) destaca a função social do mau-olhado. O autor argumenta que essa crença popular funciona como um mecanismo de controle social e de explicação para infortúnios da vida cotidiana que a ciência ou a medicina formal não conseguem resolver, reforçando os laços comunitários e a identidade cultural local. Isso dialoga diretamente com a teoria do imaginário social de Castoriadis (1982), pois revela que a sociedade cria “respostas” simbólicas para o imprevisível, garantindo que o indivíduo não se sinta desamparado diante do azar ou da doença.

Outro aspecto importante refere-se à relação entre identidade cultural e linguagem. As palavras utilizadas por uma comunidade carregam marcas de sua história, de suas experiências e de suas formas de interpretar o mundo. Assim, ao analisar as diferentes denominações relacionadas ao mau-olhado, torna-se possível compreender elementos que contribuem para a construção da identidade local e para a preservação de práticas culturais transmitidas ao longo das gerações.

Portanto, a análise em Curupaiti busca identificar se essa função social e esses termos lexicais permanecem coesos ou se estão sendo ressignificados. Ao confrontar as vozes de diferentes gerações, este estudo apoia-se em contribuições teóricas da cultura popular, da memória coletiva e da Sociolinguística, buscando compreender como as variações lexicais expressam a vitalidade ou o enfraquecimento desse imaginário ao longo do tempo.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa. O aspecto qualitativo, fundamentado em Minayo (2001), busca compreender os significados, valores e crenças construídos socialmente pelos sujeitos. Por sua vez, a vertente quantitativa possibilita a mensuração e a comparação da recorrência de termos e expressões entre as diferentes faixas etárias. O estudo desenvolve-se em Curupaiti, uma vila rural pertencente ao município de Viseu PA.

A Vila de Curupaiti é uma das maiores comunidades rurais do município de Viseu, no nordeste do Pará, contando com uma população em cerca de 6.000 habitantes. Estrategicamente localizada às margens da rodovia BR-308, a vila é geograficamente banhada pelo rio Piriá, curso d'água que molda a paisagem local e define a identidade da região. A vida comunitária é

profundamente marcada pela fé e pela tradição, que se manifestam de forma expressiva no Círio anual de Nossa Senhora do Rosário, a principal celebração religiosa e cultural da localidade.

A combinação de métodos qualitativos e quantitativos é ideal para este estudo, pois une a análise subjetiva à mensurável. Desse modo, o primeiro viés permite compreender os significados atribuídos pelos participantes ao termo “mau-olhado”, enquanto o segundo organiza os dados para identificar tendências, frequências e diferenças entre os grupos pesquisados.

A pesquisa apresenta caráter exploratório, pois visa proporcionar maior familiaridade com o objetivo de estudo, possibilitando a compreensão inicial do imaginário sociocultural associado ao termo “mau-olhado” (Gil, 2008). Além disso, possui caráter descritivo, uma vez que busca descrever e analisar as percepções, os significados e os usos atribuídos a esse termo entre diferentes gerações da comunidade investigada, sem interferir na realidade observada.

Nesse sentido, procura-se compreender como o imaginário sociocultural relacionado ao “mau-olhado” se manifesta e varia entre as diferentes gerações na vila investigada, bem como identificar os fatores socioculturais que influenciam as variações de significado e uso. Dessa forma, a metodologia adotada possibilita responder à problematização proposta, ao analisar o léxico, as crenças e as interpretações construídas socialmente no contexto da comunidade investigada.

Para responder essa problematização, a pesquisa classifica-se como um estudo de campo com abordagem quantitativa e com levantamento bibliográfico. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em materiais já publicados, como livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos, permitindo a construção de um embasamento teórico sobre imaginário sociocultural, cultura popular e variação lexical (Gil, 2008). A pesquisa de campo, por sua vez, caracteriza-se pela coleta de dados diretamente no contexto em que o fenômeno ocorre, possibilitando o contato com os sujeitos da pesquisa e a compreensão empírica das percepções, crenças e usos do termo “mau-olhado” na comunidade investigada.

O universo da pesquisa será composto por moradores da comunidade pertencentes a diferentes gerações. O público-alvo será organizado em quatro grupos etários: 15-25 anos, 26-40 anos, 41-60 anos e 60+ anos, possibilitando uma análise comparativa das percepções, significados e usos do termo “mau-olhado” entre gerações distintas.

Durante a etapa de coleta de dados, não foi possível obter colaboradores pertencentes à faixa etária de 26-40 anos. Apesar das tentativas de contato e convite à participação, não houve

adesão de participantes desse grupo, o que resultou na ausência de dados correspondentes a essa faixa etária. Dessa forma, a análise comparativa foi realizada com base nos grupos de 15-25 anos, 41-60 anos e 60+ anos. Embora essa limitação reduza a representatividade geracional inicialmente prevista, ela não compromete os objetivos da pesquisa, uma vez que foi possível identificar diferenças e permanências nas formas de compreender e denominar o termo “mau-olhado” entre as gerações participantes, preservando a validade das análises propostas.

Como instrumento de coleta de dados, foi realizada entrevistas semiestruturadas, composta por questões fechadas e abertas. As questões fechadas permitirão a quantificação dos dados, possibilitando a identificação da frequência de uso do termo, das variações lexicais empregadas e da recorrência das crenças associadas. Já as questões abertas possibilitarão a análise qualitativa dos significados, interpretações e experiências relatadas pelos participantes.

A opção por essa dinâmica se sustenta no fato de que a entrevista qualitativa é considerada a "técnica mais usual na investigação qualitativa" (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 277). Desse modo, a escolha da entrevista semiestruturada, justifica-se por sua adequação a pesquisas de caráter quali-quantitativo, uma vez que permite coletar dados comparáveis entre grupos geracionais distintos, ao mesmo tempo em que possibilita compreender os sentidos atribuídos ao termo investigado, além de respeitar a disponibilidade dos participantes e garantindo a liberdade para responder ou interromper sua participação a qualquer momento. As respostas serão registradas e organizadas para posterior análise, preservando a identidade dos colaboradores e assegurando a confidencialidade das informações fornecidas durante a pesquisa.

6 PERFIL DOS COLABORADORES

Para caracterizar o perfil sociolinguístico dos colaboradores da pesquisa, o quadro 1 apresenta informações referentes à faixa etária, ao gênero, à escolaridade e ao tempo de residência na Vila Curupaiti.

COLABORADOR	FAIXA-ETARIA	GENERO	ESCOLARIDADE	Natural de Curupaiti
1-Johny Sousa	15-25	Masculino	Ensino médio completo	Sm
2-Carine Silva	15-25	Feminino	Ensino médio completo	Sim
3-Ciriaco Oliveira	41-60	Masculino	Ensino Superior completo	Mais de 10 anos

4-Maria Francisca	41-60	Feminino	Ensino Superior completo	Mais de 10 anos
5-Diulene Nunes	41-60	Feminino	Ensino Superior completo	Sim
6-Maria Amélia	60+	feminino	Fundamental incompleto	Mais de 10 anos
7-Dáiris dos Santos	15-25	Feminino	Ensino médio completo	Sim
8-Geilson dos Santos	15-25	Masculino	Ensino médio completo	Sim
9-Raimundo Lima	60+	Masculino	Fudamental incompleto	Mais de 10 anos
10-Kamylla Vithória	15-25	Feminino	Ensino médio completo	Mais de 10 anos
11-Dinael Silva	15-25	Masculino	Ensino médio completo	Sim
12-Jair Castro	15-25	Masculino	Ensino médio completo	Sim
13-Suelem Castro	15-25	Feminino	Ensino médio incompleto	Sim
14-Kaunny Beatriz	15-25	Feminino	Fundamnetal incompleto	Menos de 10 anos
15-Karliton Henrique	15-25	Masculino	Fundamental incompleto	Sim
16-Danilo Simith	15-25	Masculino	Ensino médio incompleto	Sim
17-João Vitor	15-25	Masculino	Ensino médio incompleto	Menos de 10 anos

Posteriormente, será desenvolvida uma análise comparativa entre os grupos etários, fundamentada nos pressupostos teóricos do imaginário sociocultural, das representações sociais e da variação lexical. Essa análise buscará compreender como os significados, crenças e usos do termo “mau-olhado” são construídos, mantidos, ressignificados ou transformados entre as diferentes gerações da comunidade de Curupaiti, considerando os contextos socioculturais, as experiências coletivas e as formas de transmissão geracional desse saber.

7 RESULTADOS

Com base nos dados coletados por meio dos entrevistas semiestruturadas, realizou-se a análise das respostas dos participantes pertencentes a diferentes faixas etárias da comunidade de Curupaiti. Para fins comparativos, embora a pesquisa tenha previsto inicialmente quatro

grupos geracionais (15-25 anos, 26-40 anos, 41-60 anos e 60+ anos), não foi possível obter participantes na faixa etária de 26-40 anos. Assim, as análises apresentadas referem-se aos grupos de 15-25 anos, 41-60 anos,. Essa divisão permitiu observar como o imaginário sociocultural relacionado ao termo “mau-olhado” se manifesta de forma distinta entre as gerações.

Análise quantitativa dos dados coletados

Variação Lexical	Homens	Mulheres	Colaborador	Faixa Etária
Olho gordo	2	3	1,2,4,7 e 12	15-25 e 41-60
Quebranto	2	2	3,4,5 e 11	15-25 e 41-60
Quebrante	2	2	1,7,8 e 13	15-25
Olho ruim	0	1	6	60+
Inveja	1	1	10 e 11	15-25
Nenhuma das opções	3	1	14,15,16,17	15-25

Inicialmente, verificou-se a ocorrência do uso do termo “mau-olhado” e suas variações lexicais, como “olho gordo” e “quebranto”, “quebrante”, “olho ruim” e “inveja”, no discurso dos participantes. Observou-se que os entrevistados mais velhos tendem a atribuir ao “mau-olhado” um significado mais ligado à crença tradicional, relacionando-o a doenças, inveja e influências espirituais negativas.

“A gente vê alguém falando em mau-olhado, mas, pros mais idosos, as pessoas bem tradicionais, se falam em mau-olhado quando eles veem uma criança com febre, triste, sem ter uma doença, sem ter alguma infecção. Sem tem alguma coisa que possa ter gerado, contribuído para aquela febre, aí se diz logo que aquela criança está com mau-olhado” (Colaborador 05, entrevista 11 de Mar. 2026)

Esse relato evidencia que o colaborador 05, associa o mau-olhado a uma influência espiritual negativa, reforçando uma concepção tradicional transmitida pela oralidade. Além disso, muitos relataram práticas de proteção, como benzeduras e rezas, demonstrando a permanência de saberes transmitidos pela oralidade. Segundo o colaborador 03:

As formas de se proteger do mau-olhado, segundo os mais antigos, é você se preparar, o que falam de corpo fechado, você orar você rezar fazer suas orações fortalecer sua religiosidade Isso faz com que esses mal eles venham a você serve como se fosse um escudo As suas orações, seus pensamentos positivos. Então isso é uma forma de um escudo para esses olhares, esse mau-olhado que vem e ele não vem lhe atingir. (Colaborador 03, entrevista 09 de Mar. 2026)

A fala do colaborador 03, demonstra que as práticas de proteção continuam presentes no imaginário dos moradores da comunidade, evidenciando a permanência de saberes populares.

Por outro lado, entre os participantes mais jovens, percebeu-se que o termo “mau-olhado” foi interpretado de maneira mais simbólica ou metafórica, sendo associado à inveja ou a comentários negativos, sem necessariamente estar vinculado a crenças espirituais, como mostram os colaboradores 10 e 11:

“Para o meu ciclo social, que eu convivo mais, é visto só como inveja até então”
(Colaborador 10, entrevista 11 de Mar. 2026)

“Acredito eu que seja algum tipo de inveja ou um olhar mal-intencionado”
(Colaborador 11, entrevista 11, Mar. 2026)

Nesse caso, observa-se que os colaboradores compreendem o mau-olhado como um sentimento de inveja, atribuindo-lhe um significado mais simbólico do que sobrenatural.

Alguns jovens afirmaram conhecer o termo por meio da família, mas não relataram acreditar plenamente em seus efeitos.

“Com os meus pais e os meus avós, que eles contavam histórias e aí eu escutava e aprendia já ouvindo eles falarem” (Colaborador 11, entrevista 11 de Mar. 2026)

Esses resultados evidenciam uma diferença geracional na compreensão e no uso da expressão, indicando que o imaginário social relacionado ao “mau-olhado” permanece presente na comunidade, embora apresente um enfraquecimento gradual em sua intensidade e significado.

A comparação entre as diferentes gerações revelou mudanças significativas na forma como o termo “mau-olhado” é compreendido na comunidade. Entre os participantes mais velhos, observou-se uma forte presença da crença no “mau-olhado” como um fenômeno real, capaz de causar doenças, azar ou desequilíbrio espiritual. Esses entrevistados também relataram com maior frequência experiências pessoais e práticas tradicionais de proteção, como benzeduras, rezas e uso de elementos simbólicos. Em contrapartida, os jovens demonstraram uma postura mais flexível em relação à crença. Embora reconheçam o termo e suas variações, muitos o utilizam em sentido figurado, associando-o principalmente à inveja ou a comentários negativos. Dessa forma, percebe-se que, entre os mais jovens, o “mau-olhado” tende a perder parte de sua dimensão mística, passando a assumir um significado mais social e discursivo. Essa diferença pode estar relacionada às transformações socioculturais, ao maior acesso à informação

e à diminuição da transmissão oral de crenças tradicionais. Contudo, mesmo com essas mudanças, nota-se que o termo permanece presente no repertório linguístico da comunidade, indicando a continuidade do imaginário social, ainda que ressignificado pelas novas gerações.

Diferenças geracionais na compreensão do termo “mau-olhado”

A análise das entrevistas permitiu identificar diferenças significativas na forma como o termo “mau-olhado” é compreendido pelos moradores da vila de Curupaiti pertencentes a diferentes faixas etárias. Embora o termo continue presente no repertório linguístico da comunidade, os dados demonstram que sua interpretação e o grau de crença associado a ele variam conforme a geração dos entrevistados. Entre os participantes mais velhos, observou-se uma compreensão mais próxima da crença tradicional. Nesses relatos, o mau-olhado é frequentemente associado a doenças, infortúnios, desequilíbrios físicos e espirituais, sendo considerado uma influência real capaz de afetar pessoas, animais e até mesmo plantas. Essa percepção aparece de forma evidente nas narrativas que descrevem situações do cotidiano interpretadas como consequências diretas da ação do mau-olhado, reforçando a permanência dessa crença no imaginário sociocultural local.

Em contrapartida, entre os participantes mais jovens, percebeu-se uma tendência à ressignificação do termo. Embora a maioria afirme conhecer a expressão e seu significado geral, muitos a associam principalmente à inveja, ao olho gordo ou a sentimentos negativos direcionados a outras pessoas. Em alguns casos, a crença tradicional já não é aceita integralmente. Um exemplo dessa mudança pode ser observado no relato do Colaborador 8, que afirmou conhecer o termo por meio das histórias contadas por familiares, mas declarou não acreditar na existência do mau-olhado. Esse resultado sugere que o conhecimento sobre o mau-olhado continua circulando na comunidade, porém sua transmissão não ocorre com a mesma intensidade observada em gerações anteriores. Diversos entrevistados afirmaram que os mais velhos falam com maior frequência sobre o assunto porque possuem mais experiências relacionadas a essa crença e porque receberam esses conhecimentos por meio da convivência com familiares e membros mais antigos da comunidade. Já os mais jovens tendem a demonstrar menor interesse pelo tema ou interpretá-lo sob uma perspectiva mais simbólica do que espiritual.

Tais resultados dialogam diretamente com as reflexões de Labov (2008), ao demonstrar que a linguagem acompanha as transformações sociais vivenciadas pelos grupos de falantes. Nesse sentido, a diferença observada entre as gerações não representa apenas uma mudança

lexical, mas também uma transformação nos significados culturais atribuídos ao termo. A crença permanece presente, porém passa por processos de adaptação e ressignificação que refletem novas formas de compreender a realidade.

Essa transformação também pode ser compreendida a partir das contribuições de Castoriadis (1982), para quem o imaginário social é constantemente reconstruído pelos sujeitos de uma determinada sociedade. Assim, embora o mau-olhado continue integrando o universo simbólico da comunidade de Curupaiti, seus sentidos não permanecem estáticos. Pelo contrário, eles são reinterpretados pelas novas gerações, revelando permanências e mudanças no imaginário sociocultural local.

Dessa forma, os dados indicam que não há um desaparecimento completo da crença no mau-olhado entre os moradores mais jovens, mas sim uma alteração na maneira como ela é percebida e explicada. Enquanto os mais velhos mantêm uma visão mais próxima da tradição popular, os jovens tendem a associar o termo a aspectos mais subjetivos e sociais, especialmente à inveja e aos sentimentos negativos direcionados ao outro.

“Olho gordo”

A análise das entrevistas demonstra que a expressão “olho gordo” é amplamente conhecida pelos moradores da Vila Curupaiti. Entre os participantes mais velhos, o termo é frequentemente associado à crença de que a inveja pode provocar prejuízos à saúde, ao trabalho ou à vida pessoal, sendo comum a referência a práticas de proteção e rezas, como afirmam os colaboradores 04 e 02:

(...) geralmente quando acontece que a pessoa se sente com mal cabeça baixa, é uma força negativa (...)" (Colaborador 04, entrevista 09 de Mar. 2026)

“Em situações de quando a pessoa está falindo com seus negócios, quando a pessoa cresce muito rápido e rapidamente o negócio dela despenca ou quando casais não estão se dando bem (...)" (Colaborador 02, entrevista 09, de Mar. 2026)

Já entre os participantes mais jovens, observa-se que a expressão é utilizada principalmente como sinônimo de inveja ou desejo pelo que pertence ao outro, sem necessariamente estar relacionada a uma crença sobrenatural.

“É... olho gordo, inveja” (Colaborador 07, entrevista 11 de Mar. 2026)

“Pelo olho gordo, alguma coisa desse tipo. Tipo, quando uma pessoa fica doente e fala que é mau-olhado, por conta de mau-olhado, pega alguma coisa desse tipo.” (Colaborador 13, entrevista 11 de Mar, 2026)

Esses resultados indicam que, embora o termo continue presente no repertório linguístico da comunidade, seu significado vem sendo levemente modificado ao longo das gerações.

“Quebranto”

Os relatos dos entrevistados revelam que o termo “quebranto” é mais recorrente entre os participantes de maior faixa etária, que o associam a um mal-estar causado pelo olhar ou pela energia negativa de outra pessoa. Nesses casos, também são mencionadas práticas tradicionais de cura e benzimento. (Inserir citação das entrevistas)

O mesmo sentido de mau-olhado que eles falavam muito na época era o quebrando. Toda uma criança que estava com quebranto, ela estava com febre, ou estava toda tristezinha, porque alguém botou quebranto naquela criança. E o quebranto, no meu entendimento, era o mesmo sentido que mau-olhado” (Colaborador 05, entrevista 11 de Mar. 2026)

(...) As pessoas usam o sal grosso, às vezes até a própria fê, né? A pessoa que ela tem bastante fê, ela também é um escudo, né? Que ela usa para não ter mau-olhado (...). (Colaborador 04, entrevista 09 de Mar. 2026)

Entre os participantes mais jovens, percebe-se que o termo é menos utilizado e, quando conhecido, geralmente é compreendido como uma expressão popular aprendida no ambiente familiar, sem forte vínculo com a crença tradicional.

Quando elas, tipo, alguém fica doente e aí os mais velhos falam. Pode ser” (colaborador 13, entrevista 11 de Mar 2026)

Porque eles já têm mais costume de reconhecer o mau-olhado, de... Por já ter mais vivência disso. Já sabem quando é, quando não é. E sabem até mesmo como tratar.(Colaborador 11, entrevista 11 de Mar. 2026)

Olha, pra falar a verdade, aqui na minha comunidade mesmo eu já ouvi histórias sobre isso. Então aprendi com a comunidade e com a minha família também. (Colaborador 12, entrevista 11 de Mar, 2026)

Dessa forma, nota-se uma redução do uso dessa variante entre as novas gerações, embora ela ainda faça parte da memória cultural da comunidade.

“Quebrante”

A variante “quebrante” aparece principalmente na fala dos participantes mais velhos, sendo utilizada como uma forma equivalente a “quebranto”. Seu emprego demonstra a influência da oralidade e das tradições locais na conservação dessa variação lexical.

“(...)o quebranto é o olho ruim” (Colaborador 06, entrevista 11 de Mar. 2026)

Por outro lado, entre os entrevistados mais jovens, essa denominação é pouco conhecida ou raramente utilizada, sendo substituída por outras expressões mais frequentes.

Significa uma crença antiga que pode trazer azar, doenças e causada pela inveja” (Colaborador 08, entrevista 11 de Mar. 2026)

Essa diferença evidencia que algumas variantes lexicais tendem a permanecer mais vivas entre os falantes mais antigos, enquanto perdem espaço entre as gerações mais novas.

“Olho ruim”

A análise das entrevistas demonstra que a expressão “olho ruim” apresentou baixa ocorrência entre os colaboradores da pesquisa. Apenas um colaborador pertencente à faixa etária de 60+ utilizou essa variante para se referir ao fenômeno do mau-olhado, associando-a à ideia de um olhar capaz de transmitir energias negativas e causar prejuízos à vida das pessoas.

“Então o olho ruim, olho ruim da pessoa, é esse que é o negócio. O olho ruim. Às vezes a pessoa olha com raiva, com uma coisa pra outra. Às vezes não é nem pela palavra, é só pelo olhar. Só pelo olhar, pelo toque também. Esse é o pior, é o olhar ruim. É o olhar ruim. Se torna quase uma porcaria, um feitiço. O pessoal fala em feitiço. Pra quem não acredita, mas de existe” (Colaborador 06, entrevista 11 de Mar.2026)

Entre os demais participantes, independentemente da faixa etária, essa expressão não foi mencionada, sendo substituída por outras variantes, como “mau-olhado”, “olho gordo”, “quebranto”, “quebrante” e “inveja”. Esse resultado sugere que “olho ruim” possui um uso bastante restrito na comunidade pesquisada, estando presente apenas no repertório linguístico de um falante mais velho, o que pode indicar uma variante em processo de desuso.

“Inveja”

A palavra “inveja” foi a variante mais utilizada pelos participantes mais jovens, que a empregam para explicar situações anteriormente associadas ao mau-olhado. Para esse grupo, o termo possui um significado mais cotidiano e social, relacionado ao sentimento de desejar aquilo que pertence ao outro.

Quando a pessoa olha pra você com um olhar de inveja, de ganância, de ter aquilo

que você tem. (Colaborador 02, entrevista 09 de Mar. 2026)

“É... olho gordo, inveja”(Colaborador 07, entrevista 11 de Mar. 2026)

“Pra mim, o mau-olhado seria como se fosse algo similar à inveja. Uma inveja disfarçada” (Colaborador 10, entrevista 11 de Mar. 2026)

Esses dados demonstram que a substituição das expressões tradicionais por um termo mais amplo não elimina a permanência do imaginário popular, mas evidencia mudanças na forma como a comunidade interpreta esse fenômeno.

A transmissão do conhecimento sobre o mau-olhado por meio da oralidade

Os dados obtidos nas entrevistas evidenciam que o conhecimento relacionado ao mau-olhado é transmitido principalmente por meio da oralidade. A maior parte dos participantes afirmou ter aprendido sobre essa crença através de familiares, especialmente pais, avós e outros membros mais velhos da comunidade. Esse resultado demonstra a importância da transmissão intergeracional dos saberes populares para a manutenção do imaginário sociocultural local. Ao serem questionados sobre onde aprenderam acerca do mau-olhado, diversos colaboradores mencionaram diretamente a família como principal fonte desse conhecimento. O Colaborador 07, por exemplo, afirmou ter aprendido sobre o tema.

“na família mesmo” (Colaborador 07, entrevista, 11 de Mar. 2026).

Já o Colaborador 10 relatou que sua avó costumava compartilhar histórias e experiências relacionadas ao assunto:

“(...)Geralmente era a minha avó que comentava sobre essas situações de mau-olhado, né? Que ela já tinha tanto presenciado quanto ouvido falar(...)” (Colaborador 10, entrevista 11 de Mar. 2026)

Da mesma forma, o Colaborador 11 destacou que o aprendizado ocorreu por meio dos relatos familiares:

“Com os meus pais e os meus avós, que eles contavam histórias e aí eu escutava e aprendia já ouvindo eles falarem” (Colaborador 11, entrevista, 11 de Mar. 2026)

Observa-se, portanto, que a circulação desse conhecimento não ocorre, em sua maioria, por meios formais de ensino, mas através das experiências compartilhadas no ambiente familiar e comunitário. As narrativas contadas pelos mais velhos funcionam como importantes mecanismos de preservação da memória coletiva, permitindo que crenças, valores e interpretações da realidade continuem sendo transmitidos às novas gerações.

Esse resultado aproxima-se das reflexões de Cascudo (2012), ao afirmar que grande parte das crenças populares brasileiras é preservada pela oralidade. Segundo o autor, os saberes tradicionais sobrevivem porque são constantemente narrados, repetidos e reinterpretados pelos indivíduos que compõem determinada comunidade. Nesse sentido, cada relato sobre o mau-olhado representa não apenas uma história individual, mas também um elemento do patrimônio cultural compartilhado pelos moradores.

Além da família, alguns participantes mencionaram a própria comunidade como espaço de aprendizagem dessas crenças. O Colaborador 12 afirmou:

“Aqui na minha comunidade mesmo, eu já ouvi histórias sobre isso. Então aprendi com a comunidade e com a minha família também” (Colaborador 12, entrevista, 11 de Mar. 2026)

Esse relato demonstra que o processo de transmissão do conhecimento ultrapassa o ambiente doméstico, alcançando as relações sociais construídas no cotidiano comunitário. Conversas informais, experiências compartilhadas e histórias contadas por moradores mais antigos contribuem para a manutenção do imaginário relacionado ao mau-olhado.

Entretanto, os próprios participantes percebem mudanças nesse processo de transmissão. Ao comentar sobre a diferença entre gerações, alguns entrevistados afirmaram que os jovens demonstram menor interesse pelos conhecimentos tradicionais. O Colaborador 11 observa que muitos jovens não buscam compreender essas crenças e que esse conhecimento já não é repassado com a mesma intensidade de antigamente:

“Por falta de interesse delas em buscar esse conhecimento ou até mesmo se alguém fala eles já não acreditam (...)” Não é passado de geração” (Colaborador 11, entrevista, 11 de Mar. 2026)

De maneira semelhante, o Colaborador 13 afirma que os jovens:

“(...) não têm o mesmo conhecimento que os mais velhos têm” (Colaborador 13, entrevista, 12 de Mar. 2026)

Evidenciando uma percepção coletiva de que a transmissão desses saberes vem sofrendo alterações ao longo do tempo.

Essas observações reforçam a ideia de que a oralidade continua sendo o principal mecanismo de preservação da crença no mau-olhado em Curupaiti. No entanto, os dados indicam que esse processo encontra-se em transformação, acompanhando mudanças sociais, culturais e geracionais. Embora o conhecimento ainda circule na comunidade, sua transmissão já não ocorre com a mesma frequência observada entre os participantes mais velhos.

Dessa forma, os resultados demonstram que a oralidade desempenha papel fundamental na construção e manutenção do imaginário sociocultural relacionado ao mau-olhado. Ao mesmo tempo, revelam que os processos contemporâneos de mudança social têm influenciado a continuidade desses saberes, contribuindo para novas formas de compreender e interpretar essa crença popular.

As variações lexicais associadas ao termo “mau-olhado”

Durante a realização das entrevistas, foi possível observar que o termo mau-olhado não aparece de forma isolada no discurso dos colaboradores. Ao contrário, ele é frequentemente associado a outras denominações que circulam na comunidade e que, embora apresentem algumas particularidades de significado, remetem a um mesmo campo semântico relacionado à inveja, à influência negativa do olhar e aos efeitos causados sobre uma pessoa.

Entre as variantes identificadas pelos participantes estão os termos olho gordo, inveja, quebranto, quebrante e olho ruim. Essas diferentes formas de nomeação demonstram a riqueza do repertório linguístico presente na comunidade, além de evidenciarem a permanência de saberes transmitidos por meio da oralidade entre as gerações. Essa diversidade lexical também revela aspectos da identidade sociocultural dos falantes.

Conforme Costa (2024, p. 129),

As realizações lexicais dos indivíduos expressam sua visão de mundo, suas crenças, suas ideologias, seus valores e a norma linguística aprendida através das práticas socioculturais presentes em seu grupo social, que, geralmente, mantêm entre si uma identidade linguística.

Ao ser questionado sobre outras formas de se referir ao mau-olhado, o Colaborador 7 mencionou os termos “Olho gordo” e “inveja” (Colaborador 07, entrevista 11 de Mar. 2026)

Estabelecendo uma relação direta entre o fenômeno e sentimentos negativos direcionados a outra pessoa. Da mesma forma, o Colaborador 12 afirmou que: (...) *mau-olhado é quando alguém olha pra ti com um olhar assim de inveja*” (Colaborador 12, entrevista, 11 de Mar. 2026), indicando que a crença está fortemente associada à ideia de um olhar carregado de más intenções.

Outra variante recorrente foi o termo quebranto ou quebrante, citado por diferentes colaboradores. O Colaborador 06 explicou que:

“o quebranto é o olho ruim (...)” (Colaborador 06, entrevista, 11 de Mar. 2026)

Demonstrando que, para ele, os termos possuem significados próximos. Já o Colaborador 13 utilizou a forma quebranto, evidenciando uma variação lexical que pode estar relacionada às particularidades linguísticas da comunidade e às formas pelas quais esse conhecimento é transmitido oralmente. Além disso, a expressão olho ruim apareceu associada ao poder negativo do olhar. Segundo o Colaborador 06:

“às vezes não é nem pela palavra, é só pelo olhar (...)” esse é que é o pior, é o olhar ruim” (Colaborador 06, entrevista, 11 de Mar. 2026)

Essa fala reforça a crença de que determinadas pessoas podem causar danos apenas por meio do olhar, independentemente de qualquer ação verbal.

Os relatos também mostram que alguns participantes estabelecem distinções entre os termos utilizados. O Colaborador 11, por exemplo, afirmou que o mau-olhado está relacionado a “algum tipo de inveja ou um olhar mal-intencionado” e acrescentou que “o quebranto é uma causa do mau-olhado em si” (Colaborador 11, entrevista, 11 de Mar. 2026).

Essa percepção demonstra que, embora os termos sejam frequentemente utilizados como sinônimos, alguns moradores atribuem funções ou significados específicos a cada um deles. Essa multiplicidade de sentidos atribuídos às variantes lexicais pode ser compreendida a partir da relação entre língua e experiência social. Segundo Santos (2011, p. 3)

(...) Desse modo, é possível afirmar que a variação semântica-lexical, qual seja, a ocorrência de diferentes itens lexicais resulta da elaboração e reelaboração que os sujeitos em interlocução fazem da realidade, em outras palavras, de como analisam o contexto sócio-histórico nas relações intersubjetivas.

Essas variações lexicais revelam não apenas diferentes formas de nomear uma mesma crença, mas também aspectos da identidade cultural da comunidade. Conforme aponta Labov (2008), a variação linguística constitui uma característica natural das línguas e reflete fatores sociais, culturais e históricos presentes nos grupos de fala. De modo semelhante, Costa (2024, p. 128) destaca que:

A variação na língua falada possui uma relação intrínseca com os fatores de ordem social e cultural, e, através dela, é possível conhecer não apenas os elementos eminentemente linguísticos, mas também o modo de vida das pessoas, sua origem social, as redes sociais que as envolvem, o sistema de valores que rege determinados grupos e sociedades humanas e que, muitas vezes, orientam a realização linguística dos indivíduos.

A autora afirma ainda que, por meio dessa variação, é possível conhecer aspectos relacionados ao modo de vida, às redes sociais e aos valores compartilhados pelos grupos humanos. Dessa forma, as variantes identificadas em Curupaiti permitem compreender não

apenas características linguísticas, mas também elementos culturais presentes no imaginário social da comunidade. Nesse sentido, as diferentes denominações encontradas nas entrevistas evidenciam a vitalidade dos saberes populares relacionados ao mau-olhado e sua permanência no imaginário sociocultural da Vila de Curupaiti.

Portanto, os termos identificados pelos colaboradores demonstram que a crença no mau-olhado permanece viva na comunidade, manifestando-se por meio de diferentes formas linguísticas que circulam entre os moradores. Essas variantes contribuem para a preservação e transmissão de conhecimentos tradicionais, reforçando o papel da linguagem na construção e manutenção das crenças populares. Nessa perspectiva, Costa (2024, p. 181) afirma que:

(...) a língua é um importante elemento de pertencimento social e um patrimônio coletivo, na medida em que, por meio dela, os falantes expressam valores, hábitos, costumes e crenças dos grupos sociais que participam.

Assim, as diferentes denominações associadas ao mau-olhado evidenciam como a linguagem atua na preservação da memória coletiva e da identidade cultural dos moradores da vila de Curupaiti.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender como o imaginário sociocultural em torno do termo “mau-olhado” se manifesta na vila de Curupaiti e de que maneira suas variações lexicais são utilizadas e interpretadas pelos moradores de diferentes gerações. A partir das entrevistas realizadas, foi possível observar que essa crença continua presente na comunidade, fazendo parte dos conhecimentos transmitidos entre familiares e moradores mais antigos. Os dados analisados demonstraram que, embora o mau-olhado ainda seja reconhecido por participantes de diferentes faixas etárias, existem diferenças na forma como essa crença é compreendida. Os moradores mais velhos tendem a relacioná-la às tradições populares, às benzeduras e às influências espirituais, enquanto entre os mais jovens foram observadas interpretações mais associadas à inveja, aos sentimentos negativos e a significados simbólicos. Isso evidencia que o imaginário sociocultural não permanece estático, mas passa por processos de transformação e ressignificação ao longo do tempo.

Outro aspecto importante observado foi o papel da oralidade na preservação desses saberes. As narrativas compartilhadas por pais, avós e demais membros da comunidade continuam sendo fundamentais para a transmissão de conhecimentos relacionados ao mau-olhado, contribuindo para a manutenção da memória coletiva e da identidade cultural local.

Além disso, as variações lexicais identificadas nas entrevistas, como olho gordo, quebranto, quebrante, olho ruim e inveja, revelam a riqueza linguística presente na comunidade. Essas diferentes denominações demonstram que a língua reflete as experiências, crenças e valores construídos socialmente pelos falantes, reforçando a estreita relação entre linguagem, cultura e identidade. Dessa forma, conclui-se que o mau-olhado permanece vivo no imaginário sociocultural da vila de Curupaiti, ainda que apresente mudanças em seus significados e formas de interpretação entre as gerações. Ao registrar essas crenças e suas formas de expressão linguística, este trabalho contribui para a valorização dos saberes populares da comunidade e para a preservação de elementos importantes de seu patrimônio cultural e linguístico. Por fim, espera-se que este estudo possa incentivar novas pesquisas voltadas para as crenças populares, a oralidade e as variações linguísticas em comunidades amazônicas, ampliando o reconhecimento da diversidade cultural existente em nossa região.

REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Global, 2012.

COSTA, Geisa Borges da. **Denominações para feitiço no falar amazônico: um estudo a partir de dados do projeto ALIB**. Revista textura, v. 26, n. 67, p. 180-209, jul./set. 2024.

COSTA, Geisa Borges. **Nomes para diabo nas capitais nordestinas**. V. 4. São Paulo: Editora Científica, 2024.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA JÚNIOR, Francisco Chagas Vieira. **O olho do mal: a crença do mau-olhado no imaginário social da cidade de Imperatriz (MA)**. Revista Espaço Acadêmico, [Maringá], n. 113, out. 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística: o trabalho da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.